

## UM FLANEUR E A BUSCA POR MEMÓRIAS NAS RUÍNAS DE GENERAL CÂMARA

ÍTALO FRANCO COSTA<sup>1</sup>; CLAUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – italofrancocosta@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – attos@vetorial.net

### 1. INTRODUÇÃO

Quando refletimos sobre a relação dos indivíduos com os espaços urbanos, locais de maior concentração populacional em nosso país, analisamos as ligações dinâmicas estabelecidas entre sujeitos e espaços no contexto de suas rotinas. Isso envolve observarmos a natureza objetiva do ambiente, sem prescindir da consideração das implicações do meio geográfico sobre os comportamentos afetivos. Ou seja, avaliamos a experiência física do cidadão com o contexto urbano, sem desconsiderar que os fatos se fundem à imaginação, fruto de relações particulares, subjetivas, e reconstroem a cidade da memória e das afecções.

Sendo assim, nos questionamos sobre o impacto que as ruínas de uma cidade provocam em seus antigos moradores. Se os espaços dos antigos afetos, da memória familiar e social desaparecem, nós sobreviveremos a sua falta?

Neste artigo nos propomos a discutir um caso em especial, o desaparecimento gradativo da cidade de General Câmara e os sentimentos que se esvaem sob a ação do tempo. Recorremos à prática da *flânerie* e aos registros fotográficos para tentar recompor histórias de um ambiente urbano em vias de desaparecimento. A investigação integra as ações do projeto de pesquisa “DO PÍNCEL AO PÍXEL: sobre as (re)apresentações de sujeitos/mundo em imagens”, desenvolvido no âmbito do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq).

General Câmara é um município, no interior do Rio Grande do Sul, localizado a 76 km da capital Porto Alegre. Não possui mais do que nove mil habitantes, cuja maioria vive fora da cidade em propriedades rurais. Sua economia gira basicamente em torno de um pequeno comércio localizado no centro da cidade, os chamados “bazares de 1,99”, e os produtos gerados pelos agricultores.

Uma cidade historicamente importante, General Câmara alcançou o seu ápice econômico com a construção do Arsenal de Guerra, ponto militar que defendia durante a Segunda Guerra Mundial o rio que margeia a cidade. Sendo assim, clubes e residências foram construídos para os oficiais que lá moravam de modo que tivessem espaços destinados ao lazer das famílias, tais como clubes, campos de futebol, etc. Porém, com o término da guerra e a passagem do tempo a cidade começou a se esvaziar. O Arsenal de Guerra teve seu prestígio diminuído e pouco a pouco aquele centro outrora promissor começou a se transformar.

No centro da cidade há poucos moradores, muitos deles antigos residentes. O bairro militar onde cresci está praticamente abandonado, com várias das casas abandonadas à ação do clima, em sua maioria são residências pertencentes ao Arsenal, caracterizadas pelas cores branca e azul. São casas que estão vandalizadas, que não possuem portas, janelas ou que correm risco de desabar. Os clubes da cidade, antigamente lotados pelos seus associados, hoje, absolutamente vazios, apenas apresentam o esboço, um fantasma do que já foram.

Mas o que faz os moradores dessa cidade não se preocuparem com a situação do local onde vivem? Estarão acostumados com a paisagem a ponto de não notá-la? É preciso considerar que a percepção desses moradores pode se restringir à área onde vivem, uma vez que as casas abandonadas em pior estado estão no interior da vila militar, que tem um formato quadrangular, ficando assim bem escondidas. Sendo assim, torna-se difícil perceber a mudança e o vazio que toma conta da cidade.

Entretanto, a contemporaneidade começa a cobrar seu preço, o de enxergar o mundo através do olhar do outro:

Em última análise, a distração relaciona-se com a expressão de dois planos de linguagem representados simultaneamente ou alternativamente: o plano do sujeito em um aqui-agora, ou discurso, e o plano do ausente ou não-pessoa, em outro tempo, alhures, ou história (MORSS Apud FEATHERSTONE, 2000, p.193).

A banalização das experiências cotidianas em muito se deve ao ritmo vertiginoso do homem contemporâneo. Ele, que muitas vezes só reconhece as trilhas que o conduzem a seus objetivos imediatos, não percebe que é parte integrante – e pulsante – da urbe, com uma história representativa que se soma a dos demais, configurando a história da cidade. A cidade, um espaço político por excelência, que representa o *ethos* comunitário.

Certamente que tal alienação não é uma regra, as exceções existem, esses são aqueles que conseguem notar o verdadeiro panorama da cidade, pessoas que, pode se dizer assim, tem um ar de *flâneur*. O significado para essa palavra foi proposto por Charles Baudelaire, como uma designação para os que perambulam pela cidade com o intuito de descobri-la, experimentá-la.

O *Flâneur* tem sua origem na Paris do início do século XIX, quando, entre 1800 e 1850, construíram-se cerca de 30 galerias que proporcionavam espaços fechados para caminhar e olhar, gastar tempo e folgar, como vemos no exemplo muito citado do *Flâneur* que mostrou sua indiferença ao ritmo da vida moderna, levando uma tartaruga para passear. Por um lado, o *Flâneur* é o preguiçoso, o desperdiçador; por outro é o observador ou o detetive, a pessoa suspeita que está sempre olhando, observando e classificando, a pessoa que, como disse Benjamin, “faz pesquisas botânicas no asfalto”. O *Flâneur* busca uma imersão nas sensações da cidade, “banhar-se na multidão”, perder-se nas sensações, sucumbir ao arrasto de desejos aleatórios e aos prazeres da escopofilia (ARANTES, 2000, p. 192).

Quando se visita General Câmara é difícil resistir ao desejo de entrar em uma das casas abandonadas. Digo isso, pois desde crianças somos bombardeados pelas histórias sobre grandes segredos escondidos entre paredes antigas, ou ainda, de casos em que os visitantes não se dão muito bem (como nos filmes de terror). Ou seja, o mistério e a curiosidade são forças que nos impulsionam e fascinam. Não é raro, por exemplo, ver crianças entrando no matagal para invadir as casas do velho Arsenal.

Ao perambular pela cidade é até possível vê-la como uma alegoria dos mortos, são os prédios servindo como monumentos de faces vazias a serem preenchidas pelas memórias dos que um dia viveram ali. A cidade está “desde sempre em ruínas”, e saber até que ponto esse sentido de monumentalização e ruína ainda se oculta dentro da “arquitetura feliz” cosmetizada que encontramos

em diversos lugares (ARANTES, 2000) é uma questão interessante a ser analisada nas fotografias.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, orientada como uma cartografia cujos trajetos foram registrados em imagens fotográficas. Sendo assim, foi realizada primeiramente uma deambulação pelo bairro militar de General Câmara, antiga moradia do pesquisador. Após foi elaborado um levantamento dos dados históricos e atuais do município. As imagens foram analisadas como escritas simbólicas da experiência e confrontadas com os dados sociopolíticos, ampliando os conhecimentos produzidos no âmbito do PhotoGraphein, voltadas para o desenvolvimento de sujeitos docentes capacitados ao reconhecimento da arte como expressão dos fundamentos das atitudes sociais, de mentalidades e comportamentos. Como último procedimento metodológico, foi elaborado um artigo científico, publicado na Revista Eletrônica Educação Ambiental em Ação, com base nos dados analisados.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A percepção de quem retorna ao local onde viveu parte da sua infância, como aconteceu comigo, foi importante para analisarmos a fotografia como uma síntese simbólica que reúne aspectos das memórias subjetiva e social e a realidade que agora se apresenta na forma de ruínas, fruto de jogos sociais, políticos e econômicos que determinaram os destinos de uma comunidade. Retornar a esses espaços vazios, sem vida aparente, traz de volta alguém com a visão focada nas mudanças ocorridas em sua ausência. Assim como a visão “de toupeira”, de quem vê o mundo de baixo pra cima, percorrendo os becos, as casas abandonadas e as passagens que contém a vida desgarrada, as lembranças e a história (ARANTES, 2000).

A minha antiga casa foi uma das primeiras construções que visitei quando retornei e fotografei General Câmara, em 2014. Ela estava com a pintura lascada e a parede branca havia se tornado uma enorme tela para pichações. O interior estava trancado, mas as janelas estavam quebradas revelando um vazio gelado. O jardim um dia bem cuidado havia se transformado em um matagal, não florescia mais.

As casas vizinhas estavam abandonadas também, eram abandonos recentes, podia-se ver pelo melhor estado conservação. Janelas e portas não haviam sido depredadas ainda. General Câmara se transformou em uma cidade de transição, a população vem diminuindo cada vez mais, como uma cidade que não tem muito a oferecer para os jovens. Entretanto, há muitas histórias enraizadas ali, e é importante que seus cidadãos as conheçam, saibam de seu passado, de onde vieram. Mas, será que com o gradativo desaparecimento das casas, as memórias pessoais e comunitárias não evaporarão no ar?

Durante a deambulação o exercício do registro fotográfico resultou na reativação da memória entre o passado onírico e a realidade do tempo presente na tentativa de preservar a história da cidade não só para mim, mas para todos os moradores de General Câmara.

E os textos, aos quais se refere Arantes, nesta pesquisa são textos não-verbais, fotográficos, que permitiram a elaboração de uma escrita visual simbólica sobre a experiência, comprovando que General Câmara é uma cidade que está

desaparecendo aos poucos. Sendo assim, mais do que perpetuar o aspecto das ruínas, a fotografia se transformou na própria ruína, congelando o tempo e a história em vias de desaparecimento, dando visibilidade à percepções subjetivas.

#### 4. CONCLUSÕES

Concluimos que para mudar o cenário decadente da cidade seria preciso transformar os seus habitantes em *flâneurs* de seu próprio tempo, desvelando a cidade que eles mesmos desconhecem. E assim a cidade deixaria de ser um simples cenário e se transformaria em um palco para a expressão, lugar de crítica e reflexão:

(...)Bachelard não fala do espaço apenas diurnamente, enquanto categoria física e matemática, espaço neutro, impessoal; resgata, no nível do imaginário poético e filosófico, o espaço enquanto lugar: situado, singular, povoado por lembranças pessoais, sítio de experiências, colorido por emoções datadas. Esse espaço, que se desdobra e singulariza em casa, concha, ninho, cofre, gaveta..., é cenário da vida do corpo, morada de afetos, fonte de *poiesis* artística ou filosófica, fundamento da natureza enquanto paisagem (PESSANHA in: NOVAES, 1988, p.156).

Através do pensamento bachelardiano, nós percebermos que a paisagem urbana é, acima de tudo, uma construção simbólica que frutifica dos modos subjetivos de ver (BACHELARD, 1993). No caso desta pesquisa a visão foi transformada em Imagem, síntese de diferentes tempos: o do fotográfico, o da memória e o da história.

E foi nesse universo de interferências humanas sobre o espaço urbano, construindo e reconstruindo a paisagem, que demarcamos a nossa presença em General Câmara através de imagens possibilitando aos outros verem o mundo através do olhar do outro.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antonio A. **O Espaço da Diferença**. Campinas/SP. Papirus, 2000
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FEATHERSTONE, Mike. O Flaneur, a Cidade e a Vida Pública Virtual In: ARANTES, Antonio A. **O Espaço da Diferença**. Campinas/SP: Papirus, 2000. 9, p. 186 – 207.
- PESSANHA, José Américo Motta. BACHELARD E MONET: O OLHO E A MÃO. In: NOVAES, Adauto et al. **O OLHAR**. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p.149-165.